

[Rui Pimentel](#)

[2 de maio às 11:13](#) ·

Ontem vi na televisão o filme “As operações SAAL” de João Dias. O SAAL foi o PREC na Arquitectura, a única experiência arquitectónica/urbanística que o 25 de abril produziu. Lançado pelo Nuno Portas, Secretário de Estado da habitação nos primeiros governos provisórios, era um programa destinado a tentar começar a resolver os problemas de habitação de boa parte das populações urbanas, que viviam aos milhares em bairros de lata. O programa era inspirado em experiências de auto-construção de alguns países da América Latina (o Estado fornece o dinheiro, os materiais e os projectos, as populações a mão de obra), e com algumas excepções, o povo, há tanto tempo mal-tratado, recusou-se a trabalhar na construção civil e exigiu que o estado fosse até ao produto acabado, que lhe seria entregue. Neste meu confinamento fiz hoje um exercício que não fiz em 45 anos. “Saí” e “fui visitar” o Bairro da Terroa de Baixo, que foi o meu primeiro trabalho, quando cheguei a Portugal vindo do meu curso na Suíça. O “nosso” bairro, em que a minha prima Luísa Menezes e eu fomos responsáveis, a Terroa de Baixo em Setúbal, era uma das mais pequenas operações do SAAL. Confesso que o processo, para além de ser extremamente interessante, foi muito agitado. Não só nos seus passos históricos, sempre vilipendiado por muitos críticos, nesses anos em que as posições políticas estavam extremadas, e que o Estado, na sua evolução muito acelerada, e as próprias câmaras, que sentiam esses programas como um circuito paralelo às suas próprias gestões (e era verdade!) não descansaram enquanto não lhe puseram um ponto final.; Mas também nos difíceis compromissos que havia entre populações, tradicionalmente escorraçadas, e equipas técnicas (nós) que tentavam “impingir as suas ideias burguesas” de modos de viver, traduzidas na arquitectura produzida. Esses compromissos levaram a de facto a resultados físicos, de quem não nos podíamos sempre orgulhar. Assim, durante estes anos todos não voltei a visitar o bairro, convencendo-me que o bairro original estaria completamente alterado, se é que não tivesse sido já destruído neste quase meio século. Hoje fui ao Google Maps (um milagre da técnica) e visitei o bairro. Fiquei muito positivamente impressionado. Claro que o bairro é o que é: Compromissos, mas também uma certa falta de experiência por parte de arquitectos acabados de se formar; alterações numerosa às fachadas: Cores, azulejos, 2ºs pisos acrescentados, jardimzinhos murados frente às casas, telheiros, etc. Mas as casas estão lá, e reconhecíveis, algumas com as cores originais verde e amarelo (que na altura, tanto nos repugnou, por querermos o branco “alentejano, e foi mais uma cedência). As árvores cresceram, os bairros à volta (estávamos praticamente numa zona deserta, em 1975), urbanizaram a zona e enquadraram o bairro. Nos espaços centrais dos dois quarteirões, criados em parte para salvar as oliveiras existentes, mas também para criar espaços de vivência colectiva (santa ingenuidade!) para as populações, a maior parte das árvores foram destruídas, mas existem algumas oliveiras grandes e bonitas, e o espaço foi dividido e anexado em jardins privados (estávamos à espera). E as alterações lá estão, mas a dar uma vida nova aquelas casas, numa apropriação legítima de quem lá reside. Assim penso eu!











Google



